



CES Psicología
E-ISSN: 2011-3080
revistapsicologia@ces.edu.co
Universidad CES
Colombia

Pacheco Machado, Amanda
O pequeno príncipe e o pequeno executivo: considerações sobre a infância contemporânea
CES Psicología, vol. 10, núm. 2, 2017, pp. 116-125
Universidad CES
Medellín, Colombia

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=423553242008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re^oalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O pequeno príncipe e o pequeno executivo: considerações sobre a infância contemporânea

The little prince and the little executive: considerations about contemporary childhood

El principito y el pequeño ejecutivo: consideraciones sobre la infancia contemporánea

Amanda Pacheco Machado¹  ORCID

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Fecha correspondencia:
Recibido: julio 12 de 2016.
Aceptado: mayo 22 de 2017

Forma de citar:
Machado, A.P. (2017). O pequeno príncipe e o pequeno executivo: considerações sobre a infância contemporânea. *Rev. CES Psico*, 10(2), 116-125.

[Open access](#)
[© Copyright](#)
[Licencia creative commons](#)
[Ética de publicaciones](#)
[Revisión por pares](#)
[Gestión por Open Journal System](#)
DOI: <http://dx.doi.org/10.21615/cesp.10.2.7>
ISSN: 2011-3080

Sobre los autores:

1. Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica. Discente do curso de pós-graduação em Intervenção

Resumo

No decorrer da História, é possível indicar que a infância adquiriu distintas concepções conforme cada época. Atualmente, destacam-se as exigências feitas às crianças e o pouco tempo outorgado ao brincar. Assim, a partir de uma revisão crítica da literatura, esse artigo propõe uma reflexão sobre a vivência da infância na atualidade. Para tal, recorreu-se aos aportes da história e da psicanálise e elegeu-se como disparador o filme *O pequeno príncipe*. Pode-se considerar que o reconhecimento à infância como etapa distinta da vida não equivale ao reconhecimento às especificidades da condição de criança. Assim, ressalta-se a urgência de um olhar cuidadoso às crianças que lhes permita vivenciar a potencialidade de sua infância.

Palavras-chave: Criança, Cultura, Infância, Psicanálise.

Abstract

In the course of history, childhood has acquired different conceptions according to each time. It is noticed that today, children have to face high demands and the time granted to play is short. Through a critical review of the literature, this paper proposes to reflect about the childhood experience at the present time. For this, it was necessary to dip into the history and psychoanalysis contributions, and also the movie *The little prince* was chosen as a trigger. It is considered that the recognition of childhood as a distinct stage of life does not mean to the recognition of the specific condition of the child. In this way, an urgent appeal of taking a careful look at children was highlighted, in order to allow them to live and experience the potential of their childhood.

Keywords: Child, Childhood, Culture, Psychoanalysis.

Comparte



psicanalítica na clínica da infância e adolescência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Psicóloga em consultório particular e colaboradora da pesquisa Avaliação psicanalítica aos três anos do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resumen

En el transcurso de la historia, se puede observar que la infancia ha sido objeto de distintas concepciones de acuerdo con cada época. Actualmente, se destacan las exigencias hechas a los niños y el corto tiempo otorgado a jugar. Así, a partir de una revisión crítica de la literatura, este artículo propone una reflexión sobre la experiencia de la infancia en la actualidad. Para ello, se recurrió a las contribuciones de la historia y del psicoanálisis y se eligió como escenario detonador la película *El principito*. Se puede considerar que el reconocimiento de la infancia como una etapa distinta de la vida no equivale al reconocimiento de las especificidades de la condición del niño; por lo cual, se resalta la urgencia de una mirada cuidadosa a los niños que les permita vivir la potencialidad de su infancia.

Palabras-clave: Niño, Infancia, Cultura, Psicoanálisis.

Introdução

O que é infância? Trata-se de uma complexa interrogação para a qual não é possível designar uma única resposta e, tampouco, prescindir da historicidade do termo. Da mesma forma, refletir sobre o que significa ser criança requer considerar as especificidades de um determinado contexto sociocultural no qual estas questões são levantadas. A infância e a criança, segundo [Dalberg, Moss e Pence \(2003\)](#), *a priori* não possuem essência ou significado, o que torna necessário considerar a existência de muitas infâncias e de muitas crianças, as quais são construídas pela idéia de cada um a respeito do que constitui infância e do que são ou devem ser as crianças. Tais assinalamentos permitem compreender a infância como uma via para se pensar a criança, refutando a concepção de uma vivência universal balizada por um critério cronológico. Dessa maneira, destaca-se que os termos infância e criança não são sinônimos, porém, guardam entre si certa relação marcada pela cultura, a partir da qual ambos serão empregados no presente artigo.

No que se refere aos processos civilizatórios, nas sociedades ocidentais, observa-se que a infância ocupou diferentes lugares na organização social. Para o historiador francês [Philippe Ariés \(1981\)](#), trata-se de uma invenção moderna. Sem desconsiderar a presença dos pequeninos em outras épocas, compreende-se que é a partir das mudanças socioculturais introduzidas pela Modernidade que a infância passou a preocupar os mais velhos, tornando-se um período de vida distinto da idade adulta. Nessa esteira, [Ferreira \(2017\)](#) aponta que a crescente diferenciação entre a infância e a idade adulta conduziu cada uma dessas condições a aperfeiçoar seu mundo simbólico, possibilitando a aceitação de que a criança não podia dividir com o adulto a linguagem, o aprendizado, os gastos e a vida social. Ao adulto caberia, justamente, o preparo da criança para o ingresso em seu mundo simbólico. Assim, de acordo com [Calligaris \(2014\)](#), a infância tornou-se um tempo da vida "miticamente feliz, protegido pelo amor dos pais e, sobretudo, não definido simplesmente pela espera apressada de se tornar adulto" (p. 62).

Na transição da sociedade tradicional para a sociedade Moderna, constata-se, conforme [Calligaris \(2014\)](#), que a infância tornou-se tema central na medida em que o individualismo passou a vigorar. A invenção da infância, conforme [Postman \(1999\)](#), ultrapassou todas as fronteiras nacionais, sendo, por vezes, detida e desencorajada, embora insistentemente tenha seguido seu percurso e se alastrado. Cada nação, a partir de suas condições econômicas e culturais, imprimiu um colorido próprio às características e ao progresso da infância. Nessa perspectiva, se na Modernidade,

a infância constituiu-se como foco de atenção e preocupação e as diferenças entre os adultos e as crianças estavam bem demarcadas, na atualidade pode-se considerar que as fronteiras entre os distintos períodos de vida tornaram-se permeáveis, bem como as preocupações passaram a amparar-se em outros valores. Pode-se observar, com frequência, crianças vestidas à cópia de seus pais, ao mesmo tempo em que há um incremento às exigências para que desenvolvam o maior número de competências possíveis almejando um futuro notório. À semelhança da agenda de um adulto, esses pequeninos têm suas infâncias organizadas a partir de uma diversidade de atividades: das aulas de línguas para as atividades físicas, passando pelos consultórios dos mais variados especialistas. Segundo [Paravidini, Rocha, Perfeito, Campos e Dias \(2008\)](#), são *pequenos executivos* que, tal como um executivo adulto, atribuem grande investimento, outrora atribuído a uma boneca ou a um carrinho, ao uso dos aparelhos eletrônicos.

Espera-se, de acordo com [Jerusalinsky \(2011\)](#), que a sociedade ofereça a suas crianças conhecimentos, habilidades e condições que lhe propiciem o ingresso no mundo adulto. Entretanto, o autor ressalta que também é imprescindível que as crianças tenham um tempo e espaço próprios para que possam brincar e acessar vias de elaboração para os conflitos advindos das exigências parentais e de seus impulsos de satisfação. A pouca valorização que se atribui ao brincar na atualidade traz à tona uma questão emblemática: do mesmo modo em que em nenhuma outra época foram produzidos, em quantidade e diversidade, tantos objetos específicos para crianças, as crianças carecem de tempo para usufruí-los. Tais constatações produzem interrogações sobre as condições e os elementos ofertados pela atualidade às crianças para desfrutarem desse momento distinto de vida. Os supracitados questionamentos mostram-se relevantes devido às marcas deixadas pela infância no devir do sujeito, bem como em relação ao valor do lúdico para a construção de recursos psíquicos. Dessa maneira, considera-se importante a proposição de uma reflexão sobre a vivência da infância na contemporaneidade, elegendo como fio condutor momentos importantes na história da infância a apontamentos da psicanálise, apresentando como disparador o filme "O Pequeno Príncipe", dirigido por [Mark Osborne \(2015\)](#).

A criança na história: nuances no reconhecimento à infância

A compreensão da infância como uma fase distinta da vida do ser humano, segundo [Ariés \(1981\)](#), não é um sentimento natural ou inerente à condição humana, mas sim uma construção. O autor considera que o olhar diferenciado à infância começa a ser lançado ao término da Idade Média, não existindo até então. Baseando-se nas pinturas de crianças nos séculos XI, XII, XIII, [Ariés \(1981\)](#), constatou que as mesmas eram apresentadas como adultos em menor tamanho. Dessa maneira, nos séculos antecedentes ao século XII, a criança não era representada na arte medieval, como se não houvesse um espaço destinado à infância no mundo. A partir do século XIII, é possível indicar o surgimento de alguns tipos de pinturas nos quais as crianças podem ser contempladas. [Ariés \(1981\)](#) destaca que são pinturas relacionadas à religiosidade, nas quais a criança é representada, por meio da figura de um anjo, do Menino Jesus ou de outros personagens bíblicos importantes.

As iconografias religiosas predominaram até os séculos XV e XVI, quando começou a surgir uma iconografia leiga, nas quais as cenas de gênero e pinturas anedóticas preponderaram sobre as representações estáticas dos personagens bíblicos. As crianças, de acordo com [Ariés \(1981\)](#), tornaram-se personagens mais constantes, sendo retratadas com sua família; com os companheiros de jogos, frequentemente,

À semelhança da agenda de um adulto, esses pequeninos têm suas infâncias organizadas a partir de uma diversidade de atividades: das aulas de línguas para as atividades físicas, passando pelos consultórios dos mais variados especialistas. Segundo Paravidini, Rocha, Perfeito, Campos e Dias (2008), são pequenos executivos que, tal como um executivo adulto, atribuem grande investimento, outrora atribuído a uma boneca ou a um carrinho, ao uso dos aparelhos eletrônicos.

adultos; como aprendiz de um ourives, de pintor; e em outros momentos sociais. É possível compreender que a criança era retratada a partir das situações vivenciadas pelos adultos, o que conduz [Ariés \(1981\)](#) a considerar, primeiramente, que no dia a dia as crianças estavam misturadas com os adultos, não sendo estabelecida separação entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças. Em segundo lugar, o interesse dos pintores em retratar as crianças se dava em virtude de sua graça, o que pode ser considerado um prenúncio do sentimento moderno dirigido à infância. Nos registros escritos dos séculos XVI e XVII, conforme analisa [Ariés \(1981\)](#), a criança parece ser insignificante, não preocupando os adultos e tendo sua morte considerada como natural. O infanticídio tolerado era uma prática comum e encoberta por “acidentes”. Apesar do parco investimento, é durante o século XVII, segundo o autor, que tem início uma revolução relativa à concepção da infância. As crianças passam a serem constantemente retratadas sozinhas e surgem os trajes especificamente infantis. Ao mesmo tempo, os adultos começam a paparicá-las por considerá-las inocentes e divertidas, tornando-se, portanto, fonte de entretenimento. Trata-se, contudo, de uma nova modalidade do olhar que incide somente no seio das famílias burguesas. Nas demais famílias, a vida das crianças continuava regida pela não separação em relação ao mundo dos adultos.

Com o findar da sociedade tradicional, a morte transforma-se em uma experiência essencialmente individual, para a qual o sentido deve ser buscado a partir das condições e recursos psíquicos de cada indivíduo, carecendo de uma significação compartilhada pela comunidade.

O término do século XVII e início do século XVIII, segundo [Ariés \(1981\)](#), descortinam novas perspectivas sobre a infância. A criança deixa para trás o anonimato, adquirindo papel e lugar na composição familiar. Percebe-se uma importante modificação na percepção vigente sobre a criança, o que consolida a infância como etapa específica da vida. Assim, de acordo com [Ariés \(1981\)](#), estabelece-se o reconhecimento da imaturidade da criança para participar do que fazia parte do mundo dos adultos, o que permite considerá-la como um ser que demanda atenções especiais. Tais mudanças repercutem também na educação, a qual é transferida para escolarização. A compreensão da criança como um ser imaturo implica na necessidade de submetê-la a disciplinarização, pautada na rigidez e na religião, oferecida pela educação externa ao âmbito familiar. O ingresso da criança no sistema escolar conduz a um importante descolamento do mundo dos adultos: a criança é colocada em uma instituição própria para ela. Cabe ressaltar, conforme [Ariés \(1981\)](#), que a ascensão escolar não atingiu a infância por completo, algumas crianças, embora sem condições físicas, permaneciam trabalhando como se fossem adultos.

A partir do século XVIII, de acordo com [Calligaris \(2014\)](#), o olhar que se volta para criança torna-se repleto de amor, o que eleva a infância a uma divindade cultural. Além das mudanças sociais que se operam na passagem de século, o autor destaca outro elemento fundamental para ascensão da criança ao novo lugar social: as modificações na experiência da morte. Na sociedade tradicional, a preponderância da organização social em comunidades a torna depositária da continuidade da vida. Dessa maneira, ainda que a morte seja um episódio trágico e doloroso, não é considerada um ponto final, na medida em que a comunidade sobrevive. Com o findar da sociedade tradicional, a morte transforma-se em uma experiência essencialmente individual, para a qual o sentido deve ser buscado a partir das condições e recursos psíquicos de cada indivíduo, carecendo de uma significação compartilhada pela comunidade. Para [Calligaris \(2014\)](#), embora a religião possa ofertar algum conforto, a morte passa a ser compreendida na modernidade como o fim “sempre trágico e solitário de uma existência que, por sua vez, parece coincidir com, e não ser nada mais que, a sobrevivência do indivíduo” (p.63). Nessa perspectiva, a importância especial que se dá a criança vincula-se a ideia de uma consolação ancorada na promessa de continuidade da vida.

A ausência dos pais, de acordo com Birman (2006), facilitou o acesso das crianças à televisão, estabelecendo um contato muito precoce com temáticas relativas ao mundo adulto. Ao lado da televisão, na atualidade, acrescentam-se aos momentos de brincar os variados aparelhos eletrônicos e jogos virtuais que a tecnologia não cessa em lançar.

Na passagem para Modernidade, segundo [Calligaris \(2014\)](#), deve-se destacar também a importância adquirida pela família. A família moderna deixa as consanguinidades extensas de lado, constituindo-se de maneira nuclear e intensa na medida em que os laços se estabelecem a partir dos sentimentos íntimos, fundando-se no amor. O autor indica que a família moderna porta a duplicidade que perpassa o vínculo moderno: ao mesmo tempo em que solicita às crianças que sejam obedientes e submissas em prol do amor, demanda também que, “em nome do mesmo amor, se liberte da família e ultrapasse a condição na qual se criou, para responder às expectativas dos pais” (p.64). Logo, percebe-se que se solicita à criança dar seguimento aos sonhos parentais. Compreende-se que ao tornar a criança depositária de esperança e de consolação, os adultos estendem o sentido e a expectativa de suas vidas transpondo os limites de sua sobrevivência. Dessa maneira, a infância torna suportável a insatisfação constituinte do sujeito moderno, que por mais que fracasse, encontra na criança um herdeiro de seus anseios na promessa de que os mesmos serão satisfeitos.

Outro aspecto relevante da organização familiar moderna, segundo [Birman \(2006\)](#), refere-se à divisão estrita entre os poderes paterno e materno. A inscrição da figura paterna, até então, ocorria no domínio da governabilidade do espaço público, enquanto, a figura materna encontrava-se inscrita no registro da governabilidade do espaço privado. Tal estrutura, contudo, é abalada a partir das transformações mundiais ocorridas nos anos 1950 e 1960. Há uma importante subversão na noção de família e na condição da infância que produz efeitos nas relações com o corpo e com a sexualidade. Nesse contexto, destaca-se a revolução feminista, marcada pela busca das mulheres por seus direitos civis e por construírem suas subjetividades além dos muros familiares. Com a mãe buscando seus projetos no âmbito social, tornou-se necessário que a figura paterna pudesse ofertar mais presença à família a fim de estabelecer uma relação de equilíbrio entre ausências e presenças. Porém, conforme [Birman \(2006\)](#), não foi o que ocorreu, e os efeitos desse desequilíbrio repercutiram diretamente no cuidado com as crianças. Não se trata de atribuir culpas, mas considerar os efeitos de tal mudança. Com a grande carga horária de trabalho dos pais, as crianças passaram a realizar diversas atividades além da escola. O tempo tornou-se preenchido, mas deixou em aberto a qualidade afetiva que poderia estar presente no encontro com as figuras parentais.

A ausência dos pais, de acordo com [Birman \(2006\)](#), facilitou o acesso das crianças à televisão, estabelecendo um contato muito precoce com temáticas relativas ao mundo adulto. Ao lado da televisão, na atualidade, acrescentam-se aos momentos de brincar os variados aparelhos eletrônicos e jogos virtuais que a tecnologia não cessa em lançar. Para [Jerusalinsky \(2011\)](#), observa-se certa resistência por parte dos adultos em considerar essas novas modalidades lúdicas como brincadeiras, o que pode ocorrer tanto em virtude de um saudosismo em relação aos brinquedos antigos, como por falta de habilidade para integrar o mundo virtual. No entanto, superior a esses motivos, o autor ressalta uma espécie de “sexto sentido”: o inconsciente registra na virtualidade “o cultivo de uma solidão que pode ter efeitos patológicos” (p.162). Nesses jogos, predominam os desafios contra si mesmo, em que o interlocutor ou apresenta-se por meio do artefato ou como holografia do pensamento do próprio jogador. Dessa maneira, pode-se considerar que o encontro entre a criança e as variações de aparelhos eletrônicos tem importantes repercussões na construção da subjetividade. Considerando a relevância do que tange ao lúdico para o subjetivo, cabe problematizá-lo à luz das especificidades da contemporaneidade.

O espaço do lúdico na infância: vicissitudes da cultura atual

As considerações sobre o brincar e sua importância na vivência da infância encontram-se presentes na Psicanálise desde os escritos de Freud. Propondo uma analogia entre a escrita criativa e o brincar, [Freud \(1908\[1907\]/1996\)](#) indica que as crianças por meio dos jogos constroem um mundo próprio, no qual são atribuídos novos contornos aos elementos que compõem sua vida. Trata-se de uma atividade séria e na qual há um intenso investimento emocional, o qual pôde ser contemplado, anos mais tarde, por [Freud \(1920/1996\)](#) ao observar seu neto. O psicanalista descreve que o menino tinha um carretel com um pedaço de corda amarrado a ele com o qual construiu o seguinte jogo: o carretel era segurado pela corda e arremessado sobre a borda de sua cama, que por ser encortinada, fazia desaparecer o carretel. O movimento era acompanhado da expressão 'fort' e, logo após, puxando o carretel de volta e fazendo-o reaparecer, o menino pronunciava, 'da'. A brincadeira de desaparecimento e retorno ocorria nos momentos em que a mãe do menino precisava deixá-lo aos cuidados de terceiros. [Freud \(1920/1996\)](#) compreendeu na brincadeira do neto a tentativa de dominar a angústia desencadeada pela ausência materna: assim como o carretel, a mãe ia, mas também, retornava. A brincadeira, portanto, propiciava tanto dar conta da angústia advinda de cada separação, como ofertava a inversão da posição passiva para a ativa. Ou seja, ao brincar, o menino tornava-se agente da ação sofrida em sua realidade.

Tanto nos meios virtuais, como nas agendas cheias, é possível salientar a ênfase a uma postura automatizada que carece de tempo para o encontro com o outro. Por prescindir da presença do outro, nos jogos virtuais, pode-se apontar uma importante perda da dimensão simbólica.

Na atualidade, com frequência, as brincadeiras desvelam pouco do valor simbólico que Freud pôde contemplar no jogo de seu neto. O avanço tecnológico adentra de maneira intensa o campo das atividades lúdicas, descortinando a fugacidade tanto em relação à televisão e aos jogos eletrônicos, como aos brinquedos que se tornaram descartáveis. A partir da leitura de [Walter Benjamin, Meira \(2003a\)](#) ressalta os efeitos de homogeneização no brinquedo advindos da massificação da revolução industrial. O apagamento da singularidade e a plastificação que passam a compor os brinquedos evocam os traços preponderantes da cultura atual que, também, estão abarcados na artificialização da existência apresentada pela televisão. A autora destaca tanto as inúmeras programações voltadas exclusivamente para crianças como a intrusão publicitária que nos intervalos dos programas apresenta "uma série interminável de brinquedos e objetos de consumo a serem desejados pelas crianças, prometendo-lhes o acesso a um gozo sem fim" (p. 76). Compreende-se a incidência de um excesso de estímulos que desencadeiam uma fragilização sobre as brincadeiras, as quais passam a organizar-se a partir de minúsculas cenas marcadas pela rapidez.

O brincar atual, segundo [Meira \(2003a\)](#), caracteriza-se pela exigência da novidade ininterrupta que produz frequentes rupturas devido ao imperativo do consumo. Os brinquedos tornam-se rapidamente descartáveis. Assim, em consonância com as especificidades culturais, as crianças encontram-se anestesiadas frente à possibilidade de diferenciação e do olhar crítico. Para autora, deixar o tempo em suspenso para brincar constitui-se como um extremo desafio que se impõe as crianças perante a enxurrada de aparelhos virtuais que invadem suas vidas. Cabe acrescentar nesse enfrentamento, a multiplicidade de atividades às quais desde cedo as crianças estão sendo submetidas. Tanto nos meios virtuais, como nas agendas cheias, é possível salientar a ênfase a uma postura automatizada que carece de tempo para o encontro com o outro. Por prescindir da presença do outro, nos jogos virtuais, pode-se apontar uma importante perda da dimensão simbólica. Ressalta-se, conforme [Meira \(2003a\)](#), caracteriza-se pela exigência da novidade ininterrupta que produz frequentes rupturas, que os aparelhos eletrônicos podem possibilitar uma via de expressão e apropriação do universo, porém, a automatização que atravessa esses meios repercute no apagamento do tecido social que se constrói na interação.

Ao contrário da época de Freud, atualmente, o brincar parece constituir-se como um desafio às crianças. Objetos, como o carretel utilizado pelo neto de Freud, nem sempre encontram o colorido da imaginação para adquirir novas formas. Corriqueiramente, veem-se crianças que são craques no futebol, sem entrar de fato em campo para chutar a bola. O avanço tecnológico parece produzir uma mudança no uso e na materialidade dos objetos que, não poucas vezes, desvela pouco valor simbólico nas brincadeiras. No filme “O pequeno príncipe”, os aparelhos eletrônicos dão lugar à exigência do estudo e de uma performance satisfatória que conduza ao ingresso em uma escola renomada, mas com força semelhante, apresenta-se o enfraquecimento do lúdico e a diminuição do espaço outorgado ao brincar. Assim, é possível indicar que em ambas as modalidades de vivência da infância, o desafio vai além das crianças: é preciso considerar também as instâncias parentais. [Meira \(2003b, p. 21\)](#) considera que “descobrir a infância no filho é trabalho a que os pais são hoje convocados”. Trata-se de um trabalho que exige a recordação da própria infância, o qual também se destaca na história (re) contada no filme “O pequeno príncipe”.

O pequeno príncipe e a pequena executiva: a potência do encontro

No filme de Mark Osborne, o metafórico livro de Antoine de Saint-Exupéry entrelaça-se a história de uma menina de oito anos, que está sendo preparada por sua mãe para estabelecer-se promissoriamente na sociedade adulta. Na cena de abertura, mãe e filha aguardam serem chamadas para a entrevista de ingresso em uma renomada escola. Elas repassam o que fora treinado para ser respondido. Ao ser chamada, a menina segue o roteiro pré-estabelecido com a mãe até que os avaliadores, ao contrário, do script, questionam: “O que você vai ser quando crescer?”. A menina inicia a resposta decorada para a suposta pergunta que seria feita, a qual difere do que de fato foi questionado: o pânico invade a cena e paralisa a menina que vai encolhendo-se diante dos avaliadores. Pode-se considerar a infância como um momento privilegiado de encenar na brincadeira o vir a ser. Por que, então, torna-se difícil responder a questão sobre o que viria a ser quando crescesse? Inicialmente, o filme apresenta nuances de uma infância que parece não estar perpassada pela riqueza do pensamento mágico, pelo contrário, sobressai-se uma automatização que compromete a espontaneidade e não outorga voz à criatividade.

A reprovação na Academia Werth faz com que mãe e filha recorram ao “plano b”, o qual é composto pelo “plano de vida”, que consiste em uma espécie de planilha de toda vida futura da menina em dias, horas e meses com atividades previamente programadas. A mãe explica à menina que a milimétrica programação se deve a não deixar espaço para o acaso e para possíveis erros. Assim, todas as horas, minutos e segundos dos sessenta e três dias até o ingresso na escola já se encontravam preenchidas pelo estudo. O que poderia ocorrer se fosse dado lugar ao acaso? O questionamento levantado pela menina a respeito de merecer ou não entrar para escola possibilita pensar, além da vivência de sua infância, no lugar outorgado a sua subjetividade. O sonho do adulto parece convocar à criança a tomá-lo como seu, expondo a frágil fronteira que diferencia o que é da ordem da exigência do que constitui a ordem do desejo e perpassa a construção de um sonho. A menina sabe responder por que deve entrar para Academia Werth, mas não tem resposta sobre o que gostaria de ser quando crescer. O imperativo do estudo possivelmente não deixa espaço para produzir posicionamento diante do que lhe é demandado.

Ao mostrar a rotina da mãe e da filha, o filme expõe a falta da diferença: ambas acordam no mesmo horário, colocam seus relógios, escovam os dentes e arrumam os cabelos, como um espelho para o futuro/passado. A única diferença refere-se à

Nesse sentido, destaca-se a função do brincar na constituição da subjetividade, apontada por Freud (1908[1907]/1996), como uma possibilidade de relativizar a seriedade e a carga imposta pela vida. O esquecimento do brincar confere matizes acinzentados e endurecidos a uma relação na qual a troca afetiva, aparentemente, pautava-se pelo esforço e pelo mérito.

saída materna para o trabalho e a permanência da menina em casa para as horas devotadas ao estudo. É através do excêntrico morador da casa ao lado que essa estruturação começa a ser abalada. Trata-se de um abalo literal, marcado por um furo produzido acidentalmente na parede da casa da menina. Com curiosidade e estranhamento, a menina começa a demonstrar interesse em aproximar-se dele após encontrar uma pequena espada, uma concha, uma rosa, um avião e a miniatura de um boneco – o pequeno príncipe. Após organizar os objetos, a menina resolve ler uma página de livro, enviada em formato de aviãozinho. Na página, uma pessoa narra que por não ter amigos, resolveu aprender a pilotar aviões. Curiosa com a história, a menina procura o vizinho, adentrando em uma casa – e um mundo – completamente diferente do seu.

As tardes na companhia do vizinho e da história do pequeno príncipe expõem a tenacidade do “plano da vida” e a mãe da menina lhe avisa que só há tempo para amizades no verão. O apontamento materno produz angústia, mas o enlace à história se mostra mais forte. O vizinho aviador lhe presenteia com uma raposa de pano que logo se transforma em um companheiro inseparável da menina e torna-se o único brinquedo presente em seu quarto. O encontro da menina com o aviador e com a narrativa das aventuras do pequeno príncipe inaugura a possibilidade de vivenciar, o que se encontrava oculto: sua infância. A imaginação adquire vida transpondo-se do livro para a vida da menina. No entanto, trata-se da potencialidade de uma experiência que se mantém restrita as tardes com o vizinho. Em casa, as mudanças são veladas, como as estrelas coladas no teto do quarto que só se revelam quando a luz é apagada. A mãe quando descobre sobre a ausência da dedicação da filha aos estudos, se enfurece, acusando-lhe de mentir, inclusive para o plano de vida, o qual indica ser a vida da filha. Ao contrário da cena inicial, a menina demonstra uma nova postura, retrucando que o plano de vida é a versão de sua vida imposta pela figura materna e não a sua vida e reclamando do tempo que a mãe passa fora. Nesse momento, é feita a única menção a figura paterna, como alguém abduzido pelo mundo do trabalho e, portanto, justificativa para necessidade de dedicação da mãe ao trabalho. O diálogo entre mãe e filha, por um lado, indica uma tentativa da menina de requerer seu direito à infância e, por outro lado, denota o apagamento das lembranças da mãe sobre sua própria infância. Nesse sentido, destaca-se a função do brincar na constituição da subjetividade, apontada por [Freud \(1908\[1907\]/1996\)](#), como uma possibilidade de relativizar a seriedade e a carga imposta pela vida. O esquecimento do brincar confere matizes acinzentados e endurecidos a uma relação na qual a troca afetiva, aparentemente, pautava-se pelo esforço e pelo mérito. Ao causar um buraco nessa estrutura, a entrada do aviador possibilita dar vazão à imaginação via narrativa de uma história e desvela na potencialidade do encontro entre a menina e a contação da história, ou seja, entre o pequeno príncipe e a pequena executiva, a construção de recursos criativos para lidar com a realidade e com as demandas maternas.

Considerações finais

A infância constitui-se como uma construção social tecida a partir dos fios ofertados pelas características de uma determinada cultura. Partindo dessa constatação, o presente artigo buscou problematizar a vivência da infância na contemporaneidade, considerando algumas situações observadas com frequência como, por exemplo, o incremento de exigências relativas ao desenvolvimento de competências e a pouca importância atribuída ao brincar. Para tal, percorreram-se momentos da história nos quais aparecem menções à criança desde sua indiferenciação aos adultos, até o momento no qual foram reconhecidas as especificidades de sua condição, no-

meando como infância esta etapa da vida contrária ao mundo adulto. Tratada como minoridade ou elevada ao lugar de divindade, os caminhos trilhados pela infância permitem considerar, o quanto o olhar do adulto, atravessado pela cultura, vai produzindo coloridos sobre a infância e determinando modalidades de vivenciá-la para as crianças. Sobressai-se, dessa maneira, o pouco espaço outorgado para que a criança possa trazer à tona sua singularidade, situação contemplada no filme “O pequeno príncipe”, escolhido como disparador.

Ao recontar a história escrita por Saint-Exupéry, o filme lança luz sobre importantes impasses contemporâneos presentes na relação entre o adulto e a criança, os quais, muitas vezes, passam despercebidos no cotidiano. Se ao longo da história a percepção das diferenças entre o adulto e a criança delimitou o que era próprio ao mundo adulto, abrindo vias para a invenção da infância, na contemporaneidade, com frequência, observa-se a diminuição dessa fronteira quer seja nas vestimentas, no preenchimento do tempo ou no acesso irrestrito às informações, facilitado pelos meios eletrônicos. Nessa perspectiva, [Jerusalinsky \(2011\)](#) alerta que a angústia de sobrevivência que tem se incorporado às civilizações atuais situa as crianças perante a dificuldade de um futuro incerto somado a escassez de garantia para suas realizações pessoais e, principalmente, “como portadoras atuais – durante sua infância – de uma obsessão de sobrevivência” (p. 161). Logo, a angústia, para qual cada adulto deve buscar uma solução, é transformada em um sintoma da infância.

Jerusalinsky (2011) alerta que a angústia de sobrevivência que tem se incorporado às civilizações atuais situa as crianças perante a dificuldade de um futuro incerto somado a escassez de garantia para suas realizações pessoais e, principalmente, “como portadoras atuais – durante sua infância – de uma obsessão de sobrevivência” (p. 161). Logo, a angústia, para qual cada adulto deve buscar uma solução, é transformada em um sintoma da infância.

No lugar de sobrevivente desse mundo, o filme retrata um adulto, que tomado pela burocracia cotidiana, deixa cair no esquecimento as lembranças de sua infância, ficando impossibilitado de recorrer à leveza e à possibilidade de relativizar as situações enfrentadas, as quais podem ser herdadas pelo brincar. As vinhetas apresentadas, resguardados alguns exageros que uma produção cinematográfica possa conter, demonstram-se análogas aos inquietantes efeitos da cultura atual na vivência da infância. Por meio da invasão dos avanços tecnológicos ou do excesso de exigências, pode-se indicar a dificuldade de propiciar às crianças tempo para o brincar, bem como de abrir espaço para o potencial criativo, deixando-as também no lugar de sobrevivente, quando ainda encontram-se no tempo de descobrir e compreender o mundo. Paradoxalmente, é importante ressaltar que mesmo que na atualidade a infância e as crianças encontrem-se no centro de muitas discussões, pouco lugar de fato parece ser concedido a elas. Nesse sentido, é possível questionar a tolerância que se tem com os pequeninos, sujeitos em constituição, para que possam de fato exercer seu direito à infância e serem reconhecidos em sua singularidade. Como mão de obra barata ou como herdeiro dos sonhos não realizados dos adultos, parece sobressair-se, ao longo da história, uma relação paradoxal com a infância que engendra um potencial de proteção, mas também vela uma face de violência.

Na atualidade, o paradoxo impõe-se tanto a partir da criança que tem, em parte, sua condição reconhecida e seus direitos resguardados, como das crianças que por necessidade ou falta de condições no atendimento de seus cuidados mínimos são expostas desde cedo ao trabalho. Ambas as modalidades de experiência descorrinam o silenciamento que parece imposto à criança, mas, sobretudo, a urgência de discutir essas questões e voltar um olhar atento à infância almejando a construção de dispositivos que possam de fato assegurar o direito a ser criança e desfrutar da infância.

Referências

- Ariés, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Birman, J. (2006). Tatuando o desamparo. In M. R. Cardoso, *Adolescentes* (pp. 25-43). São Paulo: Escuta.
- Calligaris, C. (2014). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Dahlberg, G., Moss, P., & Pence, E. A. (2003). *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed. [Scielo](http://scielo.org.br)
- Ferreira, T. (2017). *A escrita a clínica: psicanálise com crianças*. Rio de Janeiro: Autêntica. <http://grupoautentica.com.br/autentica/livros/a-escrita-da-clinica/1474>
- Freud, S. (1908[1907]/1996). Escritores criativos e devaneio. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1996). Além do princípio do prazer. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago.
- Jerusalinsky, A. (2011). *Para compreender a criança: chaves psicanalíticas*. São Paulo: Instituto Langage. <http://institutolangage.com.br/>
- Meira, A. M. (2003a). Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea. *Psicologia & sociedade*, 15(2), 74-87. <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v15n2/a06v15n2.pdf>
- Meira, A. M. (2003b). Reflexões sobre a Psicanálise com crianças na contemporaneidade. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 25, 18-27. <http://www.appoa.com.br/revista>
- Osborne, M. (2015). *O pequeno príncipe*. São Paulo: Paris Filmes. DVD, 108 min. <https://www.youtube.com/watch?v=Zl0S927VD3Q>
- Paravadini, J. L., Rocha, T. H., Perfeito, H. C., Campos, A. F., & Dias, A. G. (2008). Nascimento psíquico e contemporaneidade: implicações metapsicológicas nos modos de estruturação subjetiva. *Revista mal-estar e subjetividade*, 8(1), 195-224. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1518-61482008000100010
- Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.